

Sou Ana Célia S. Pereira, mulher negra, quilombola e agricultora filha de agricultores, nascida e criada no campo. Por sempre me questioneei o porquê das coisas, e a terra sempre foi minha referência de vida. Tenho a terra como mãe que acolhe, protege e dá a vida. E já do território, espaço de identidade, acolhimento e junção de saberes e vivências, história, memória. Território é um conjunto de famílias que juntas lutam por direitos.

Desde criança tive a terra como meu alicerce, não tive brinquedos, fazia boneco de barro, madeira, capim e milho. Era debaixo das árvores a minha casinha, cresci no meio a tanta beleza, meus amigos imaginários eram as árvores gigantes onde dava nome pra cada uma. Cresci vendo meus pais trabalhar nas roças das fazendas. Não tínhamos terra, até que fomos acolhidos no quilombo do Barroso, eu tinha 9 anos. Tenho muito orgulho e defendo esse território com muita força e gratidão e sempre digo, território é espaço de acolhimento de seus ancestrais, harmonia e luta por direitos, justiça e dignidade.

Meu território quilombola do barroso, um território pequeno com 237 hectares de terra, 35 famílias que sobrevivem da agricultura familiar. Um ambiente verde bem conservado e preservado com reserva ecológica. Temos trilha ecológica e de moto Cross. O território existe a mais de 200 anos, temos um museu que conta e conserva a história e memória do nosso povo, com mais de 200 peças. Hoje temos uma associação ativa atuante e comprometida, temos escola que atende as crianças do quilombo e comunidade vizinha.

Ana Célia S. Pereira

O Complexo do Alemão, popularmente chamado de Morro do Alemão ou simplesmente Alemão, é um bairro que abriga um dos maiores conjuntos de favelas da Zona da Leopoldina, na Zona Norte do município do Rio de Janeiro.

Segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, seu índice de desenvolvimento humano era de 0,711, o 126º e último colocado da cidade do Rio de Janeiro. O Censo de 2010 ainda revela que a população do bairro é de 58.962 habitantes, divididos em 21.048 domicílios, numa área de 21.982 km².

Sua principal comunidade é o Morro do Alemão, embora haja dezenas de comunidades pertencentes ao morro, espalhadas por extensões territoriais enormes. É oficialmente um bairro, mas devido a sua enorme extensão, os limites da área do bairro e das favelas pertencentes aos morros se misturam com outros bairros da Zona Norte da capital, como Ramos, Higienópolis, Olaria, Penha, Inhaúma e Bonsucesso.

O bairro foi erguido sobre a Serra da Misericórdia. Sua formação é vertical, uma formação geológica de morros e nascentes. Restam poucas áreas verdes na região, apesar dos esforços de preservação empreendidos por organizações atualmente.

Na década de 1920, o imigrante polonês Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu terras na Serra da Misericórdia, que era, então, uma região rural da Zona da Leopoldina. O proprietário era referido pela população local como "o alemão" e, logo, a área ficou conhecida como "Morro do Alemão". Ainda nos anos 1920, se instalou, na região, o Curtume Carioca e, na sequência, muitas famílias de operários se instalaram nas imediações.

A abertura da Avenida Brasil, em 1946, acabou por transformar a região no principal polo industrial da cidade. A ocupação, no entanto, só começou em 9 de dezembro de 1951, quando Leonard dividiu o terreno para vendê-lo em lotes. O comércio e a indústria cresceram e diversificaram-se, e teve seu boom no primeiro governo de Leonel Brizola.

Ainda há áreas de mata e pontos de nascentes de rios que são usados como fonte de água. Boa parte da serra foi destruída devido às pedreiras, muito comuns a partir da metade do século XX. Hoje em dia, tal empreendimento ainda é autorizado, mesmo a Serra da Misericórdia sendo considerada Área de Proteção Ambiental.

Na interseção entre o Alemão e a Penha, a francesa Lafarge opera uma pedreira com autorização do INEA, por não atingir os lençóis freáticos da região. O bairro foi oficializado em 9 de dezembro de 1993 "em homenagem ao primeiro dia das divisões dos terrenos feito na mesma data, no ano de 1951".

Na Alvorada, está localizada o GRES Paraíso da Alvorada, que representa o Complexo do Alemão no Desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. O Complexo do Alemão é um dos bairros mais jovens do Rio. Localizado na Zona Norte, na Serra da Misericórdia, subúrbio da Leopoldina, foi criado, em 1993, pela lei nº 2055, que alterou os limites de Olaria, Ramos, Bonsucesso, Inhaúma e Higienópolis. Com uma população de cerca de 180 mil habitantes, o bairro, hoje, é formado pelas comunidades de Nova Brasília, Reservatório, Alvorada, Morro das Palmeiras, Casinhas, Fazendinha, Canitá, Pedra do Sapo, Mineiros, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Matinha, Grota (também chamada de Joaquim Queiroz) e Morro do Alemão. Esta última localidade emprestou seu nome ao Complexo, muito embora o personagem que inspirou a alcunha fosse, na verdade, polonês.

Antes da colonização portuguesa, as áreas próximas à região eram habitadas pelos índios Tamoios, que viviam às margens do Rio Timbó – nome dado em função do cipó “timbó”, utilizado para envenenar a água e facilitar a pesca. Muito após o extermínio dos Tamoios, os jesuítas se estabeleceram na região – já no século XVIII –, dando origem à Fazenda de Inhaúma e seus engenhos. Expulsos os jesuítas, em 1760, suas terras foram desmembradas em várias fazendas que deram origem aos atuais bairros de Ramos, Bonsucesso, entre outros.

A ocupação da Serra da Misericórdia ocorreu no início do século XIX, com Francisco José Ferreira Rego. Por ocasião de sua morte, os herdeiros venderam as terras para Joaquim Leandro da Motta. Esse, por sua vez, dividiu sua propriedade em grandes lotes, vendendo um deles para Leonard Kaczmarkiewicz, polonês refugiado da Primeira Guerra Mundial.

O polonês, de nome difícil, logo foi apelidado pelos cariocas de “alemão” e a área que era de sua propriedade passou a ser conhecida como o Morro do Alemão. Ainda nos anos 1920, se instalou, na região, o Curtume Carioca e, na sequência, muitas famílias de operários se instalaram nas imediações. A abertura da Avenida Brasil, em 1946, acabou por transformar a região no principal polo industrial da cidade.

A partir da década de 1940, iniciou-se a ocupação das áreas das atuais comunidades de Nova Brasília e Itararé. Na década de 1950, a ocupação se ampliou e surgiram as comunidades dos Morros do Alemão, da Esperança, dos Mineiros e do Relicário.

Em 1961, foi ocupado o Morro da Baiana e, a partir dos anos de 1970, surgiram a Fazendinha, o Reservatório de Ramos e o Parque Alvorada – Cruzeiro (1982). No final da década de 1980, o conjunto de favelas que ocupam o leste da Serra da Misericórdia e suas adjacências viria a formar a XXIX Região Administrativa Complexo do Alemão. O bairro do Complexo do Alemão compreende toda a região administrativa, ocupando 437.880 m<sup>2</sup>. O ponto culminante dos morros locais está a 138m de altura em área com cobertura florestal. Foi delimitado pela Lei Nº 2055, de 09 de dezembro de 1993, alterando os limites dos Bairros de Olaria, Ramos, Bonsucesso, Inhaúma e Higienópolis.

Apesar da rede de abastecimento de água chegar à maioria das casas, ainda há moradores que se abastecem de poços artesianos e de algumas nascentes de água locais. Embora o Censo 2000 registre que 84% dos domicílios de favela do bairro possuem rede de esgotamento sanitário, podem ser constatadas áreas específicas onde há valas a céu aberto e despejo de esgoto in natura nos corpos hídricos.

O comércio e a indústria cresceram e diversificaram-se, mas a ocupação desordenada dos morros adjacentes, que teve seu boom no primeiro Governo de Leonel Brizola, entre 1983 e 1987 acabou por dar lugar às favelas do Complexo do Alemão. Durante 30 anos as terras eram apenas para uso pessoal e abrigava o Curtume Carioca, mas a ocupação começou em 9 de dezembro de 1951, quando Leonard dividiu o terreno para vendê-lo em lotes. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), o povoamento urbano da Serra da Misericórdia foi iniciado a partir de várias formas de ocupação: de loteamentos informais ao aluguel de terrenos (também chamado de “aluguel de chão”), da ocupação consentida à invasão coletiva.

Os hectares comprados pelo IAPC também foram objeto de ocupações informais. Seus primeiros moradores eram pessoas que tomavam conta das terras do Instituto e que tiveram permissão para construir suas casas nas áreas mais altas. Esses moradores acabaram consentindo que outras famílias se instalassem no local, desde que as moradias fossem erguidas na parte alta do morro, em meio ao capim alto, para que não fossem vistos.

Com o passar do tempo e com a ausência de uma política habitacional que respondesse às necessidades de moradia da população, o próprio IAPC passou a permitir, por meio de cartas informais, que seus funcionários e comerciários construíssem casas nas terras da antiga Fazenda Camarinha. Mas o grande adensamento populacional do Complexo aconteceu nas décadas de 1960 e 1970, quando várias indústrias – como a Nova América, a Marialva Têxtil, a Cica, o Café Capital, a Castrol e muitas outras se estabeleceram nos arredores.

Nesse período, passaram a ocorrer as invasões organizadas e coletivas. Segundo o relato de um morador da comunidade de Nova Brasília, na época da invasão, parecia até uma guerra. De noite ninguém dormia porque só se escutava o barulho do martelo batendo. O pessoal construía seus barracos de noite, pois quando a polícia chegava no outro dia ficava mais difícil de derrubar, porque tinha família dentro, todos se ajudavam, porque ninguém tinha dinheiro.

Com as invasões, surgiram também as primeiras associações de moradores do Complexo. Elas tanto passaram a organizar as ocupações, a fim de deixar áreas livres para os arruamentos, por exemplo, como gerenciar questões relacionadas à infraestrutura. Algumas também começaram a promover a venda de “cavas de terra”, ou seja, de terrenos cavados nas encostas. Apareceu ainda a figura do “faveleiro”, nome dado àquele que se apossava de um lote de terra com o objetivo único de revendê-lo, posteriormente.

Ainda há áreas de mata e pontos de nascentes de rios que são usados como fonte de água. Todavia, logo após a nascente, os rios já se tornam valões de esgoto, devido à falta de rede canalizada. Boa parte da serra foi destruída devido às pedreiras, muito comuns a partir da metade do século XX.

Hoje em dia, tal empreendimento ainda é autorizado, mesmo a Serra da Misericórdia sendo considerada Área de Proteção Ambiental. Na interseção entre o Alemão e a Penha, a francesa Lafarge opera uma pedreira com autorização do INEA, por não atingir os lençóis freáticos da região.

A região sempre foi conhecida como uma das mais violentas da cidade. No ciclo de governos Petistas, foi alvo de um dos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento, em parceria entre os governos federal e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, em que foram previstas melhorias viárias, moradia e de infraestrutura em geral, de modo a livrar o bairro e seus arredores do estigma da favelização e da violência. Algumas saíram do papel, como o Teleférico, e outras foram engavetadas.

E existem histórias diversas onde esse complexo foi um grande canalial onde quando ainda criança ainda tinham casarões onde haviam troncos onde negros eram açoitados e o que sobram foram negros que ainda povoaram alguns territórios ainda oriundos da escravidão eu moro aqui há 55 anos nascida em Taperoa Paraíba vindo para cá aos seis meses de idade já ouvi muitas história e ainda ouço dos mais velhos.

Lúcia Cabral

Eu nasci no Tucuruvi, que é um distrito situado na zona norte de São Paulo pertencente à Subprefeitura de Santana-Tucuruvi.

O Bairro Tucuruvi é atendido pela linha 1 do Metrô de São Paulo nas estações Parada Inglesa e Tucuruvi. Destaca-se o Jardim França, bairro nobre localizado em sua extensão.

O nome Tucuruvi tem origem no tupi-guarani e significa gafanhoto verde, inseto que era muito encontrado em fazendas da região. O gafanhoto é a mascote da escola de samba Acadêmicos do Tucuruvi.

Tucuruvi transformou-se em distrito entre 1900 e 1950. O primeiro núcleo de povoamento da região ocorreu em 1903, quando o inglês William Harding comprou terrenos região. A área comprada e arredores formaram o bairro Parada Inglesa.

O sítio Pedregulho pertencia a Bento Ribeiro da Silva que o vendeu a Mariano Antônio Pedro por 128 contos de réis. Esta propriedade passou para Ignácio Joaquim por 158 contos de réis, que a deixou como herança para seu filho Claudino Ignácio Joaquim. Em 1914, começou a nascer um bairro importante do Tucuruvi – a Vila Mazzei, quando Claudino Ignácio Joaquim vendeu o sítio Lavrinhas – ex Pedregulho para o italiano Henrique Mazzei, que teve a grande idéia de fazer uma divisão em loteamentos dos 500 mil metros quadrados em lotes de 10x40 e 10x50, ocupados por pomares e jardins que aproveitavam o declive acentuado dessa região, vendendo-os em pequenas prestações.

Em terreno cedido pelos Mazzei, foi iniciada em 1918, a construção da Igreja Menino Jesus, na atual avenida Mazzei. O distrito manteve aspectos rurais durante muito tempo. O Tramway Cantareira que ligava o centro até a Serra da Cantareira desenvolveu o em torno de suas estações. O mesmo trem era um dos únicos meios de transporte dos seus moradores até a década de 60.

Bitta Bardo

A história do meu território se confunde com a história de minha família. Até 1975/1980 de Barra Velha (aldeia mãe) até Porto Seguro era como se fosse um imenso corredor. Com o passar dos anos foi-se criando os povoados e distritos que hoje existem: Caraíva, Praia do Espelho, Itaporanga, Aldeia Imbiriba, Trancoso e Arraial D’Ajuda. Trancoso, Itaporanga e a Aldeia Imbiriba são meus territórios mais íntimos, embora minha família esteja espalhada por todos os outros lugares.

Trancoso, onde morei a maior parte de minha vida, tem em Portugal a origem de seu nome. Sempre foi terra de mistura entre pretos, indígenas e brancos. Na década de 90 com a alta especulação imobiliária, a cidade começou a ganhar nome e fama. Até os anos 2000 ainda se tinha senso de comunidade e as festas não tinham sido todas gourmetizadas. Atualmente a população pobre foi marginalizada e a cada dia é empurrada com mais força para fora dos limites do que é turístico. O nativo trancosense virou lenda.

Itaporanga e Imbiriba tem suas origens no meu bisavô, Tonheira. Itaporanga, que significa Pedra..., foi dada ao enteado do meu avô, João Lua e este fundou o povoado de Itaporanga com o sonho de alfabetizar o maior número de pessoas. Já aldeia Imbiriba era um pequeno povoado com meia dúzia de casas, só que em 1970 um intenso processo de grilagem, promovido por Moacir de Andrade, cônsul Português, fez com que meu avô Tonheira se visse obrigado a convocar os indígenas da região e juntos oferecerem resistência por meio do aldeamento.

Hoje moro na Comunidade Tonheira, pequena área oriunda das terras de meu avô, atualmente também em processo contra o fazendeiro Moacir de Andrade. or fim, meu território resiste para existir!!!

Fernanda Gonçalves

O território onde moro chama-se Moju ( que significa rio das cobras), que surgiu a partir de um povoado nas terras de Antônio Dornelles de Sousa conhecido como " Sítio de Antônio Dornelles ". Em 1754 o povoado ganhou o status de freguesia. Recebeu status de vila por diversas leis provinciais de 1856( 279), 1864( 441) e 1870(628), tendo sido extinto em 1887 e recriado em 1889.

Conta a estória popular que um dia à tardinha, quando um senhor chamado Antônio Dornelles estava na ponte de sua fazenda avistou algo a brilhar à margem do rio Moju que lhe chamou a atenção e logo, mandou um de seus escravos averiguar qual objeto produzia tal brilho. O escravo retirou então da lama um objeto dourado em forma de pomba, que logo foi identificado como Pomba do Divino Espírito Santo. Antônio Dornelles de posse da pomba do Divino mandou confeccionar uma coroa de prata para colocar na pomba e mandou erguer uma pequena capela, que logo se tornou centro de animação da fé do povo mojuense.

Na visita do Bispo de Belém, Dom Frei Miguel de Bulhões, Dornelles propôs ao Bispo que daria suas terras ao Divino Espírito Santo se ali fosse erguida uma freguesia, proposta que muito agradou o Bispo que, então, ergueu a freguesia em Junho de 1754.

Cássia Silva

O meu território é a Zona Norte do Rio de Janeiro. Nasci e fui criada em Pilares. Bairro que surgiu na época da família real no Brasil, onde no seu largo havia pequenos pilares em volta de uma fonte de água, sendo estes para amarrar os cavalos para beberem água dessa fonte. Também era uma das paradas do caminho real de Santa Cruz, onde hoje é a Avenida Dom Hélder Câmara, antiga Avenida Suburbana. Considero como meu território a Zona Norte, pois de Pilares passei toda minha juventude morando no bairro do Cachambi. Após me casar acabei vindo para Vila Kosmos, lugar aonde resido até hoje, aonde minha filha nasceu, assim como meu companheiro. Desde que conheci o bairro me identifiquei rapidamente.

No início do século XX houve uma enorme valorização do espaço urbano central, o que encareceu aluguéis e diminuiu a oferta de moradias. Dessa forma, populações de baixa renda foram expulsas do centro e empurradas para a periferia da cidade. Surgiram novas linhas de trem, estimulando o deslocamento das populações. Ao longo das ferrovias, principalmente em torno das estações, formaram-se novos núcleos populacionais, como o de Vicente de Carvalho. Aos poucos, ruas secundárias, perpendiculares à Estrada de Ferro Rio d'Ouro (que décadas depois seria utilizada como parte da linha 2 do metrô) foram sendo abertas pelos proprietários de terras ou pequenas companhias loteadoras.

Também, grande parte das famílias ocuparam a região a partir da construção das primeiras casas nos fins da década de 1930. A princípio ia se chamar “Vila Florença” (o nome do empreendimento imobiliário da Cia. Imobiliária Kosmos), mas por causa do nome da construtora (Kosmos Engenharia), ganhou o nome de forma popular. Em 23 de julho de 1981 o que chamava-se na prática passou a ser oficial, deixando também de ser parte do bairro de Vicente de Carvalho e passando a ser um bairro autônomo.

Denise Dantas

Sou nascida e criada no subúrbio de Salvador, popularmente conhecido como Suburbana. O Subúrbio Ferroviário de Salvador tem uma história de ocupação que remonta a antes da fundação oficial da cidade, em 1544, de acordo com os registros do historiador Augusto Fiúza. Na época, a cidade estava dividida em freguesias, e duas se destacavam no subúrbio: Nossa Senhora do Ó de Paripe e São Bartolomeu de Pirajá. Situado às margens da Baía de Todos-os-Santos, o Subúrbio Ferroviário de Salvador abriga uma riqueza de belezas naturais e possui um valor histórico-cultural significativo para a cidade. Compreendendo 22 bairros, todos conectados pela linha ferroviária da extinta Viação Ferroviária Leste Brasileiro (Leste), inaugurada em 1860.

Antes da colonização, o território onde o Subúrbio Ferroviário se encontra atualmente era habitado por indígenas. À medida que os portugueses avançavam em sua tomada de terras, os indígenas foram expulsos e dizimados, e no lugar foram construídas fazendas, engenhos e casas de veraneio. Vilas e lugarejos predominaram na área até a década de 1970, quando foi construída a Avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Suburbana. A partir desse período, a ocupação informal pelas classes populares tornou-se predominante.

Hoje, moro em Itapuã, um bairro cujo nome tem origem na língua tupi e significa "pedra que ronca". Os moradores mais antigos relatam que havia uma pedra que, durante a maré vazante, produzia um som característico. Localizado em uma enseada de águas límpidas, Itapuã possui um mar tranquilo e uma orla repleta de coqueiros. No passado, existia uma pequena vila de pescadores que se dedicava à pesca de baleias para a produção de óleo refinado, utilizado na iluminação pública.

Na década de 50, Itapuã era apenas uma colônia de pescadores, situada a cerca de vinte e cinco quilômetros do centro de Salvador. Itapuã fica após o bairro de Piatã e faz divisa com o município de Lauro de Freitas. A parte mais antiga do bairro é onde está localizada a estátua da Sereia de Itapuã, um monumento construído pelo renomado artista plástico Mario Cravo em homenagem aos pescadores e aos elementos que identificam o mar. A estátua está localizada no cruzamento das Avenidas Otavio Mangabeira, Dorival Caymmi e a Rua Aristides Milton.

Em defesa da manifestação cultural de seus moradores, surgiram em Itapuã grupos negros, como o bloco afro Malê Debalê, o grupo As Ganhadeiras de Itapuã e a Festa da Baleia. Além disso, são realizadas apresentações de grupos de capoeira e a prática do candomblé fortalece sua identidade religiosa.

A presença de manifestações das religiões afro-brasileiras é outro ponto forte da região, que abriga nada menos que 101 terreiros de candomblé. A cultura afro-brasileira também se faz presente na culinária, sendo Itapuã um dos principais locais para os amantes de acarajé, um quitute típico de Salvador. De acordo com a Associação Nacional das Baianas de Acarajé, a região de Piatã e Itapuã conta com cerca de 238 tabuleiros de baianas de acarajé, incluindo algumas das mais famosas da cidade, como Cira.

Itapuã é um bairro que carrega consigo uma história rica e uma cultura vibrante, que refletem a diversidade e a identidade do povo baiano. Suas belezas naturais, seu passado histórico e sua efervescência cultural fazem de Itapuã um lugar especial, que encanta tanto moradores quanto visitantes.

Elba Brito

Nasci na Guanabara – nome de origem tupi, que significa seio do mar. Foi um estado que durou de 1960 a 1975, quando houve a junção fluminense. Antes, de 1889 a 1960, foi Distrito Federal. Antes ainda, à invasão portuguesa, cá viviam tamoios (tupinambás) e terminós (maracajás) – ambos embora rivais tinham o mesmo tronco TUPI. Os franceses também se fizeram ocupantes. As disputas entre estes, não me interessa aprofundar. No final do século XIX (1883), tem se notícia da formação da primeira favela, no Morro de Santo Antônio ou Morro da Providência? – refúgio dos soldados que lutaram na guerra de Canudo (onde havia um morro que era repleto de uma planta com nome de favela) e foram lubridados com promessa de pedaços de terra para viver e ao retornarem nada receberam. Vale mencionar, no início do século XX, as revoltas populares em épocas higienistas e eugênicas (que de certa forma se atualizam), a expulsão e demolição de cortiços e a perseguição aos que traziam inscritos em seus corpos a diáspora africana). Mas esta e outras histórias fui conhecendo quando jovem fui transcorrendo as fronteiras do privilégio de ser uma garota criada na zona sul carioca (Ipanema).

Há 38 anos escolhi morar no bairro de Santa Teresa – cuja origem se inscreve na fuga das famílias abastardas da gripe espanhola (1918/1919) para as encostas da cidade na vizinhança da Floresta da Tijuca. Com o passar dos anos, muitos dos soberbos casarões foram abandonados e ocupados por desabrigados, no entanto ainda permanecem mansões, surgindo contingentes expressivos de favelas em crescimento e uma certa onda de convivência nas diversidades para artistas, intelectuais, ativistas de esquerda e outras militâncias irreverentes. Sob o testemunho do bondinho que ainda trafega nas suas ruas.

Carla Albuquerque

Santarém/Pará, cidade onde nasci, é uma das cidades mais antigas da Amazônia e do Brasil, foi fundada no dia 22 de junho de 1661 pelo padre jesuíta português João Felipe Bettendorf, em missões jesuítas na região, nomeando-a de "Aldeia dos Tapajós". Mas, muito antes, em meados de 1542, a expedição do espanhol Francisco de Orellana e Gaspar de Carvajal, desceu o rio Amazonas até o rio Tapajós (antigo rio Ipixuna), e fez os primeiros registros de povoação indígena. Santarém é banhada pelo Rio Tapajós.

Na área urbana de Santarém, assim como também na vila de Alter-do-Chão, sobrevivem os remanescentes do povo indígena Tapajó. Muitos pesquisadores atribuem a esse povo indígena a cultura arqueológica encontrada em Santarém, estimando que tenham vivido nesse território aproximadamente desde o século X, muito antes dos europeus invadirem a região.

Por sua vez, temos também na região a Aldeia de Tupinambarana, ou Santo Inácio de Loyola, originalmente fundada em 1669 no lago Uaicurapá pelo padre jesuíta Antônio da Fonseca, que mudou sua localização em 1737 para o local que ficaria conhecido como Vila de Boim, atual Distrito de Santarém (local onde nasceu meu pai e toda a minha ancestralidade Tupinambá); em 1722, a Aldeia dos Matapuz hoje Pinhel (Município de Itaituba), fundada pelo padre jesuíta José da Gama, que então missionava os indígenas Arapiuns; a Aldeia dos Borary ou Ybyrayb fundada no séc. XVII pelo padre jesuíta Antônio Pereira, em 1738, no local posteriormente conhecido como Vila de Alter-do-Chão; e a Vila Franca, onde antes era aldeia dos Arapiuns e Cumarús.

Sobre os Tapajó: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1953-tapajo/nimuendaju\\_1953\\_tapajo.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1953-tapajo/nimuendaju_1953_tapajo.pdf) (Nimuendajú, CURT. 1953)

Socorro Brasil

O meu território é situado no recôncavo baiano, uma cidade “interior”, como é de costume identificar quem não reside na capital baiana. Esse gesto poético leva minhas lembranças para o município de São Felipe, “o meu interior”.

Em sua formação, conta-se que os irmãos Filipe Dias Gato e Tiago, partiram das terras de Maragogipe e ocuparam um sítio nas proximidades do rio Copioba, beirando as margens do rio Pequí, marcando assim a primeira morada em terra fértil e acolhedora. Não tardou para que os irmãos, com nomes de Santos, atraíssem novos moradores para lá.

Em 1681, em torno de um cruzeiro e uma capela, com as bênçãos dos apóstolos São Felipe e São Tiago, receberam os santos como padroeiros da localidade. Foi assim que o pequeno povoado foi batizado de São Felipe das Roças, pela fartura e riqueza nas lavouras de mandioca, fumo, cana-de-açúcar e cereais diversos. Não se contentando, a roça fértil foi atraída pela força do rio Copioba, que nutria suas fontes com muita proximidade. De São Felipe das roças passaram a chamá-lo de São Felipe das Cabeceiras.

São Felipe hoje é uma cidade com em média 23 mil habitantes. Terra de gente simples e abundante de saber ancestral. O que mais gosto é chegar na cidade e me encantar com os varais de roupas pendurados na estrada e as diversas casas de farinha nas entocas das roças. Viva São Felipe! Viva o recôncavo!!

Lidiane Guedes

Vou escrever um pouco sobre o meu território que fica em Município de Aral Moreira MS esse território e uma retomada a muito tempo já morava os parentes aqui, pois foram expulsos pelos fazendeiros por muito tempo lutaram para retomar e não conseguiram, mas em 2011 dia 18 de novembro o cacique Nizio veio com sua família e parentes para retomar a terra que foram tiradas das famílias e infelizmente ele foi pego pelos pistoleiros e mataram ele e sumiram com o corpo dele até hoje ainda não sabemos onde está o corpo dele e desde então permanecemos aqui na retomada aqui agente vive de cultura e alimentação da roça mesmo cada um tem a sua plantação para sobreviver estamos aqui 160 família sempre na luta.

Rosicléia Almeida

Eu e meus parentes fomos criados todos juntos, na mesma rua, meu tio tinha um pequeno armazém/boteco bem no meio, era uma rua de chão batido e casas muito simples. Quando li “Eu sei porque os pássaros cantam na gaiola” da grandiosa Maya Angelou (2018), a cada descrição que a personagem fazia do armazém de sua avó nos campos de algodão do Sul dos EUA me lembravam algumas vivências desse mercado de meu tio. Pois lá, além de

bebidas, “os clientes [também] encontravam alimentos básicos, uma boa variedade de linhas coloridas, ração para porcos, milho para galinhas, óleo para lampiões, lâmpadas para os ricos, cadarços, enfeites de cabelo, balões e sementes de flores. Qualquer coisa que não estivesse visível era só ser encomendada.” (Angelou, 2018, p. 21).

Minha mãe sempre conta que trabalhava lá quando eu nasci, e eu recém nascida cabia nas caixas de frutas forradas com cobertas, e ali passava o dia com ela sobre os sacos com grãos de arroz e feijão, sendo cuidada por todos que passavam os dias ali, até pelas crianças mais novas. Tinha também uma sede de sinuca e acabava sendo uma espécie de centro de convivência dos moradores da região. A rua estava sempre movimentada, principalmente aos finais de semana, não passava muitos carros então podíamos brincar livres lá. Todos se conheciam, então era comum que eu comesse e dormisse em casas diferentes. Todos ali eram de alguma forma minha família.

Meus tios e minhas tias moravam uns ao lado dos outros, tinha até um time de futebol que competia com outros times da Bonja aos domingos no Campo do Panamá. Lá na rua de baixo, tinha um matagal que era usado como lixão e às vezes como casa para pessoas usuárias de drogas ou local de trabalho para as gurias do ponto. E atravessando esse lixão ficava a escola, onde todos estudávamos até o final da oitava série antes de ir para outras escolas ali da região. Tudo isso fica no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre. Ainda hoje a rua é igual, e atualmente a Vila Mato Sampaio se tornou Área Especial de Interesse Social I devido a especulação imobiliária. O lixão virou centro de reciclagem e o mato tá cheio de prédios chiques, com pracinha e posto de saúde. Mas sempre tenho a impressão de que lá o tempo não passa, tudo ainda é igual a como me lembro.

Nesse bairro também ficava a casa de santo da minha bisavó e descrições geográficas como essa também encontrei em Torto Arado, e como os personagens do livro de Itamar Vieira Júnior (2018) diziam, apesar das dificuldades “lá nada nos faltava”. Mas como li esses dias em outro livro da Maya Angelou que para as crianças nascidas pouco importa a geografia, até um deserto é considerado normal se lá ela nasceu. Para conhecer melhor sugiro assistir o clipe do artista gaúcho Dona Conceição, da música intitulada “Psicografia popular”, que foi gravada no campo Panamá, ao lado dessa rua onde cresci e onde meus parentes passam todo o domingo assistindo os campeonatos locais de futebol.

Poucas são as diferenças do tempo em que eu era criança, ainda falta luz todo verão, principalmente no Natal e Ano Novo, ainda falta água por dias durante os meses de verão porto alegre, ainda tem todas as faltas que eu nem sabia que eram faltas até conhecer “outros mundos”.

Lá as únicas mudanças que identifico são a falta da presença de minha avó, tios, primos etc que já não vivem nesse plano. Mas novos de nós nasceram e vivem por lá ainda, menos eu e minha mãe que nos mudamos quando eu tinha uns sete anos de idade.

Mas mesmo após nossa mudança sempre retorno pra lá com muito amor, pois a Bonja o “lugar aonde eu me criei, cresci e venci, entre becos e vielas muito eu aprendi com humildade e respeito, somar não subtrair. [...] Que povo abençoado com futuro promissor, é a 470 a escola da vida que me consagrou.” (<https://www.youtube.com/watch?v=VhledlXqQ-M>.)

Na vila as coisas são diferentes, dizem que é perigoso, mas lá me sinto mais segura que no centro, mesmo que de tempos em tempos alguma bala encontre meus amigos e conhecidos. A Vila Mato Sampaio faz parte do bairro Bom Jesus, que é composto pelas vilas Pinto, Fátima e Divinéia.

Segundo Vilarino (1998), atualmente é dada uma única denominação às quatro vilas formadoras do bairro Bom Jesus, chamadas de grande vila Nossa Senhora de Fátima. A região, porém, não era de posse da Prefeitura; pertencia à família Sampaio, herdeira de Barão do Caí – proprietário originário de toda a área que compreende, hoje, o bairro. Esse é o território que nasci e me criei, até que pudesse alçar meus próprios vãos para outros territórios.

Ariane Moreira

Entre todas as tarefas propostas pelo curso, encontrei na realização de escrever sobre o meu Território, o maior desafio. Talvez por ter percebido, desde nova, que meu Território é onde estou e onde construo. Mais recentemente, nos últimos 10 anos mais ou menos, venho adquirindo uma consciência ancestral sobre esse assunto. Me percebo parte dos Territórios de onde nasci, vivi e vivo hoje, como também parte dos Territórios de onde vieram e viveram meus ancestrais, por mais que em alguns jamais tenha estado ou vivido.

Me sinto do Norte e Nordeste do País, em Belém do Pará fui criança, vivi parte da minha adolescência e também parte da juventude adulta.. Em Natal, no Rio Grande do Norte, também vivi parte da minha infância, pré-adolescência e parte da minha juventude adulta. Entre Belém e Natal compartilhei os primeiros 24 anos da minha vida, abrindo um período de permanência em Terras Cariocas por 2 anos e meio entre 18 e 21 anos, mais ou menos. A partir dos 24/25 anos passei a viver no Rio, um sonho desde sempre.

Sobre os Territórios que carrego com a minha ancestralidade são: Acre, Ceará, Pernambuco e Santarém no Pará. Onde nasceram e viveram parte da vida meus avôs e avós, bisavôs e bisavós. Quando incluo aqueles e aquelas que pisaram antes de mim, percebo que é de lá que sou, de lá que venho e de onde carrego aquilo que não é racionalizado ou construído, tudo aquilo que faz parte de mim e do que pertença.

Quando venho pro Rio, entrego à Terra Carioca todo o meu bem diverso e me mimetizo para pertencer. Sou Carioca de Belém e além do samba, da roda de samba e do samba de roda, ganho o Jongo, o Mar e a Montanha.

De certo meu Território também é o Brasil e sim, minha constituição é Brasileira, diversa no colorismo, na culinária, no cheiro, nos povos e idiomas, na fauna e flora, nos saberes e fazeres, nas danças e musicalidade, no que é falado e escrito, na expressão do corpo e na força das nossas crenças, religiosidades e espiritualidades diversas e dialógicas.

Claudia Lima

Moro em Vicente De Carvalho // Vila Penha, localização entre um e outro. Bairros da zona norte do Rio. Não falam muito disso por aqui, não somos uma sociedade oral. Meu pai mora aqui a muitos anos, ele conta que era tudo muito arborizado, rios, já tinha a escola Municipal que permanece até hoje, onde trabalhei como mediadora por um ano. O nome do Bairro vem de um antigo fazendeiro da região. É o máximo de informações comuns que conseguimos extrair do moradores. Antigo lugar de engenhos de açúcar hoje é majoritariamente residencial, um dos bairro mais valorizados da Zona Norte do Rio de Janeiro Capital.

Estefanne Nascimento

A região onde hoje é constituída o município de Cairu era primitivamente habitada pelos índios Aimorés. A penetração no território iniciou-se na primeira metade do século XVI, por Francisco Romeo, administrador da Capitania de São Jorge dos Ilhéus que, encantado com a amenidade do clima e a graciosidade do local, iniciou, aí, uma povoação, enfrentando a ira dos Aimorés. Foi tornada vila em 1608, das mais importantes da Colônia, inclusive sendo sede de ouvidoria da Capitania de Ilhéus. Município criado por Carta Régia, de 1608, desmembrado de Ilhéus, recebendo a denominação de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Cairú.

A Sede, formada freguesia com o orago de Nossa Senhora do Rosário, em 1610, foi elevada à categoria de cidade, através Decreto-Lei Estadual de 30 de março de 1938. A geografia peculiar e as belezas naturais tornam o Arquipélago de Cairu possui 26 povoados que formam três grandes ilhas: Cairu, Boipeba e Tinharé. Como acontece em toda parte litorânea do Brasil, os territórios foram dominados por famílias elitizadas que maquiava suas más intensões por meio do assistencialismo, gratidão e inocência dos verdadeiros donos dessas terras. Com o passar do tempo e as gerações mais velhas vindo a falecer, os territórios foram demarcados pelos “herdeiros” e alguns vendidos dando início a especulações imobiliárias que vem realizando transformações ambientais, econômicas e sociais.

Minha comunidade é Garapuá, vila tradicional que recentemente passou pelo processo de reconhecimento como povoado Quilombola, busco nas memórias e relatos dos mais velhos e não encontro legitimidade para esse reconhecimento, contudo, esse certificado vem mantendo acesa a chama da luta que muitas vezes sofre derrotas nos tribunais tendo seus direitos negados, “vendidos”, surrupiados por quem tem recursos e bons advogados.

A políticálha impera no município deixando serviços como saúde e educação nas mãos de pessoas que que não entendem do riscado, mas, como eles mesmo dizem “trabalhamos para eleger nosso candidato”. Uma tristeza!

Ainda sonho em ver Garapuá como era há anos atrás, um devaneio meu, de minhas lembranças, de minhas saudades.

Irá Santos

A Baixa do Fiscal é um pequeno bairro que fica entre os bairros da Calçada, Liberdade e início da região suburbana de Salvador, integrando uma área que já foi alagadiça e depois aterrada.

Até meados do século passado lá funcionava a central de bondes que circulavam na região da cidade baixa da cidade, incluindo a área da tradicional Feira de São Joaquim, local que até hoje abastece Salvador com produtos diversos, incluindo frutos do mar. Toda essa área está próxima da península de Itapigipe e faz parte da Baía de Todos os Santos.

Na Baixa do Fiscal acontece a ‘feira do rolo’, espécie de comércio informal que surge aos domingos e reúne pessoas de toda a cidade (mas principalmente da região) para troca e venda dos mais variados itens. Nela se comercializam desde produtos alimentícios até objetos antigos, bicicletas e bugigangas. Apesar da fiscalização, a origem dos produtos pode ser questionada...

O bairro iniciou sendo uma vila de marinheiros e até hoje algumas casas ainda mantêm em sua fachada os traços arquitetônicos desse período. Seu nome deriva do fato de ter havido ali um ponto de fiscalização da Secretaria da Fazenda, um terminal por onde se saía ou entrava na cidade.

Hoje, a Baixa do Fiscal é rodeada por pequenos e grandes comércios, como redes atacadistas. No entanto, sua população ainda é formada por pessoas de baixa renda e em vulnerabilidade social, sendo mais um local perigoso para se morar na cidade.

#### Referências

<http://wikimapia.org/13620022/pt/Baixa-do-Fiscal> (acesso em 02/06/2022)

<http://nilopecanhavilaemidio.blogspot.com/2016/06/salvador-calcada-nilo-pecanha-vila.html> (acesso em 02/06/2022)

Natan Duarte



**KAE ME**  
**"Lembre-se de mim"**

Símbolo Adinkra